

EURICO SEPÚLVEDA

(1941-2024)

Decerto que outros colegas, com mais propriedade, poderiam escrever sobre Eurico Sepúlveda. Ainda assim, não pude deixar de aceitar escrever sobre o Eurico quando mo solicitaram, mas as palavras que escrevo retratam uma faceta particular deste investigador, deste colega e, em especial, de um amigo muito especial.

Conheci o Eurico há várias décadas, numa sala escura da Faculdade de Letras de Coimbra, também a minha casa, aquando da apresentação de um número da Revista *Conimbriga*, feita pelo Professor Jorge de Alarcão, meu antigo mestre.

Não me recordo especialmente bem da cerimónia, afinal, uma apresentação normal de uma revista, dos textos, conteúdos e respetivo autores. Todos de pé, numa sala do r/c, numa apresentação, um pouco formal, de mais um número da “Conimbriga” feita na sua casa mãe. O Eurico de um lado da sala e eu do lado contrário. Já conhecidos de vista, acabámos por conversar no final da cerimónia.

Se não me recordo bem dos contornos exatos do acontecimento, lembro-me bem melhor que acabámos, um grupo pequeno de pessoas, onde se igualmente encontrava a minha colega Graça Cravinho, a comer bolos e a tomar um chá numa pastelaria junto ao largo da Portagem. Daí em diante Eurico e eu tornámo-nos amigos. Uma amizade que nasceu do nada, mas que rapidamente se transformou em afeição profunda, enraizada em longas conversas, em interesses comuns e em projetos de trabalho e de investigação que nos uniriam para sempre.

Eurico era de trato fácil, um verdadeiro cavalheiro, à “moda antiga” e que claramente adorava a sua, já não tão recente vida, de investigador em arqueologia.

Economista e antigo funcionário da British Airways, o Eurico era sinónimo de rigor, de exatidão, de pontualidade e de palavra. Qualidades, e diria igualmente, capacidades, que cada vez mais são difíceis de encontrar.

Era uma pessoa amável, mas exigia tempo pois esse bem, o tempo, era algo que Eurico não se importava de conceder a quem o merecia. Afinal, sei-o hoje e vamos aprendendo com o passar do tempo, é um dos bens mais preciosos com que podemos presentear todos os que nos são importantes.

E quando estava com o Eurico era sempre um tempo de rituais. Uma reunião que se arrastava para o almoço, uma tarde de trabalho que terminava num lanche, uma escavação que era ritmada pelas paragens da ida, também ritualizada, ao restauran-

te onde se comia o que era de hábito e se bebia o que já era de esperar. No caso do Eurico uma coca-cola bem fresquinha. Nas esperas do almoço o pão barrado fortemente com manteiga e à sobremesa a gelatina de cores garridas que ele fazia tremer além do habitual. Primeiro propositalmente, depois porque não o podia alterar.

Eurico de Sepúlveda estudou as *sigillatas* do circo romano de Lisboa, resultantes da escavação feita por Ana Vale e por mim própria, além de peças idênticas da intervenção que também realizámos no largo de Santo António em 1993. Em Alcácer era figura assídua e algumas vezes fomos em visita à Marisol Ferreira, minha colega de faculdade e onde o esperava, invariavelmente, mais uma ou outra peça que havia, entretanto, sido encontrada.

Figura 1. Eurico Sepúlveda no anfiteatro romano de Mérida (2007).



Troia foi a sua grande paixão, por lhe ter marcado o reinício de uma nova vida repleta de novos interesses. Mas fez seus muitos outros locais aos quais tornava com renovado ânimo e entusiasmo onde Peniche, Monte da Chaminé ou Alcácer do Sal se destacavam e lhe marcavam as férias perfeitas.

No teatro romano, desde que assumi a direção da escavação no monumento em 2001, foi o Eurico que estudou toda a coleção de cerâmica fina romana, o que inclui milhares de fragmentos de *terra sigillata*, lucernas e paredes finas. Alguns conjuntos foram por ele publicados e outros em preparação os quais, infelizmente, nunca chegou a publicar, mas tendo o seu estudo, classificações e desenhos muito desenvolvidos.

Tive a sorte de ser sua amiga e de ter podido usufruir da sua companhia por tanto tempo. Fomos juntos a vários congressos, em especial a Mérida, onde fomos por diversas vezes e um em especial, que recordo com imensa saudade, a Cádiz. Uma viagem maravilhosa, com direito a piqueniques pelo caminho e onde contámos com a companhia do Guilherme Cardoso e da Luísa Batalha. Foi com o Eurico que me deslumbrei com *Baelo Claudia*, um lugar maravilhoso ao qual já retornei, mas sem a magia da primeira visita.

Foi nesse congresso que percebi o quão importante era para o Eurico ser reconhecido pela comunidade científica. Tudo tinha de estar perfeito, todas as classificações obtidas à “prova de bala” e com eventuais dúvidas perfeitamente identificadas. A bibliografia consultada era sempre imensa e, como o Eurico dizia, “era bom se apenas fosse preciso ter os livros”. Dedicou-se de corpo e alma ao que gostou e gostou de muita coisa.

A pandemia foi algo que lhe desestruturou a vida e se nos passámos a ver menos por essa razão, mas também por as nossas próprias vidas se terem alterado, nunca deixámos de falar e de contar um

com o outro. Os seus filhos e depois um neto foram felicidades enormes para ele e a época natalícia era uma azáfama para encontrar o presente perfeito e imaginar um complicado processo de o oferecer. Um ritual de que não abria mão pois as coisas fazem-se com calma para serem mais bem apreciadas.

Nunca mais lhe trarei os globos de vidro com neve lá dentro, algo que ele adorava, não sei bem porquê e que me habituei a dar-lhe de cada vez que encontrava um de que gostava. O último que lhe dei tinha um Taj Mahal pequenino lá dentro, de uma minha viagem à Índia e lembro-me do sorriso franco que fez quando o recebeu. Foi a última vez que o vi.

TRABALHOS PUBLICADOS POR EURICO SEPÚLVEDA SOBRE O TEATRO ROMANO DE LISBOA E OUTROS TEMAS

- Sepúlveda, E., Fernandes, L. 2009. As marcas em *terra sigillata* de tipo itálico do teatro romano de Lisboa (campanhas 2005/2006). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 12, nº 1, 139-168
- Fernandes, L.; Sepúlveda, E. Antunes, M. 2012. Teatro Romano de Lisboa: sondagem arqueológica a sul do monumento e o urbanismo de *Olisipo*, *Revista Almadan*, 44-55
- Sepúlveda, E. de; Fernandes, L. 2012. Um cálice em *terra sigillata* de tipo itálico encontrado na zona ribeirinha de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Volume 15, 139–154
- Sepúlveda, E., Fernandes, L. 2013. Teatro romano de *Felicitas Iulia Olisipo*: la *sigillata* de tipo itálico decorada (campanhas 2005-2006). Congreso Internacional de la SECAH: Hornos, talleres y focos de producción alfarera en Hispania (Cádiz 3-4 de Marzo de 2011). *Monografías ex officina hispana*. Tomo II. Cádiz, 59 – 72.
- Bolila, C. Sepúlveda, E. 2020. A cerâmica fina romana do teatro de *Olisipo*. *Revista Scaena*: volume I. Ed. Museu de Lisboa – Teatro Romano, 120-135

LÍDIA FERNANDES.

TEATRO ROMANO DE LISBOA,

14 DE JUNHO DE 2024